

O caos cultural da mundialização entre as águas insondáveis da tradição e da modernidade

José Augusto Mourão (UNL-DCC)

"Não há judeu nem grego, não há servo nem livre, não há homem nem mulher, pois todos vós sois um só em Cristo Jesus" (Gal., 3, 26)

"...l'accès à la foi suppose l'inaccessibilité de différences historiques, qui lui échapperont toujours et auxquelles il faut aussi que place soit faite" (Michel de Certeau, Jean-Marie Domenach)

"A era do caos...não faz mais do que reflectir a caoticidade cultural intrínseca de uma dada cultura" (Eduardo Lourenço)

Confrontações religioso-culturais

O profeta da desgraça que é Samuel Huntington diz-nos que as confrontações do futuro vão ser culturais, i.e., religioso-culturais. É ele quem fala da "Fronteira sangrenta" do Islão e quem afirma que a religião do nosso tempo é fundamentalista¹. É verdade que estamos a viver um momento fundamentalista - é o momento que melhor se ajusta ao sistema liberal de proliferação de transcendências². Porém, mais do que confrontados com o choque das civilizações, estamos confrontados com o choque dos preconceitos. Samuel Huntington prognosticava desde 1993 que "As grandes oposições que vão dividir a humanidade vão ser culturais. Os Estados-nações continuarão a ser os actores preponderantes dos problemas do mundo, mas os principais conflitos nascidos de opções políticas planetárias produzir-se-ão entre nações e grupos que pertencem a civilizações diferentes (e antagonistas). O choque entre civilizações vai dominar a política globalizada. As linhas de falha entre civilizações vão ser as linhas da frente das batalhas a vir". No centro da sua argumentação esta a ideia de "identidade civilizacional" e de "interacção entre sete ou oito civilizações principais". Entre estes antagonismos destaca-se aquele que opõe o Islão e o Ocidente³. Como se vê,

¹ Sinais não faltam: o fundamentalismo evangélico nos USA atingiu o seu auge; a expansão do pentecostismo e das seitas na América latina toca 60 milhões de evangélicos fundamentalistas. Some-se o crescimento do cristianismo em Africa, com mais de 60 milhões presentes em mais de 10.000 igrejas de tom fundamentalista. Acrescenta-se o fundamentalismo islâmico, hindú, budista, mais a revitalização do neo-confucionismo.

² O fundamentalismo foi, primeiro, um movimento de regresso à Bíblia nalgumas confissões protestantes dos Estados Unidos no século XIX. Foi a maneira de reagir à crítica de estilo liberal da Bíblia e um refúgio na leitura literal dos textos. Toda a confissão religiosa ameaçada na sua identidade pode levar a um tipo de fundamentalismo (protestante = letra bíblica, católico = autoridade do magistério - do papa, islâmica ou judaica = recurso à aplicação estrita da Lei).

³ Cf. o artigo "O Choque das Civilizações" publicado no número de Verão de 1993 da revista americana *Foreign Affairs*.

não são apenas os *media* que são responsáveis pela criação de polaridades fatais. Como se o Ocidente fosse o Ocidente e o Islão o Islão. Como se a identidade e a cultura se pudessem resumir numa espécie de desenho animado em que o "Ocidente" e o "Islão" mutuamente se digladiam. Como se cada uma destas civilizações não tivesse a sua dinâmica interna e a sua pluralidade. A tese do "Choque das Civilizações" serve mais a paranóia da "Guerra dos Mundos" do que a compreensão crítica da interdependência que marca a nossa época.

Contra o ideólogo Samuel Huntington, prefiro a opinião de Edward Saïd⁴. Samuel Huntington quer fazer das "civilizações" e das "identidades" aquilo que elas não são: a saber, entidades fechadas, seladas, expurgadas das miríades de correntes e de contra-correntes que percorrem e animam a história humana e que fizeram com que ao longo dos séculos a história ficasse repleta não só de guerras de religiões e de conquistas imperiais, como de trocas, de fertilizações cruzadas e de partilha. O paradigma de base: "Ocidente contra: tudo o resto (é a oposição da Guerra fria, reformulada) é o paradigma que vigora ainda depois do 11 de Setembro que o maniqueu Berlusconi brande para açular as paixões colectivas em nome do Bem contra o Mal, da Liberdade contra o medo, etc. É preciso repensar a guerra dos clichés e o poder das simplificações - a retórica utilizada pelos combatentes auto-proclamados da guerra do Ocidente (a América em particular) contra aqueles que os odeiam e ameaçam. É preciso desconstruir as expressões que veiculam a ortodoxia da globalização (mundialização) e que funcionam como falsos universais destinados a criar um unanimismo tácito: "o mercado", "privatização", "meios de governo", "o Ocidente", o "clash das civilizações", "os valores tradicionais", "identidade"⁵. É preciso mostrar aquilo que verdadeiramente nos deve ocupar: a interconexão de vidas inumeráveis, as "nossas" e as "suas". Em vez de criar campos de batalha, é preciso criar campos de coexistência.

Genealogias

A denúncia da função perversa exercida pelo monoteísmo nas sociedades humanas não data de hoje. O monoteísmo remete para uma imagem monárquica e patricarcal de Deus como caução ideológica das diversas formas de sistema patriarcal no Ocidente e fora dele. Vivemos entre duas genealogias do conhecimento: por um lado, o mundo greco-latino "racional" e ocidental, por outro lado, o mundo semítico, monoteísta e oriental. O historiador Henri Pirenne na sua obra hoje incontornável *Mahomet et Charlemagne* (1939) mostra como as conquistas arabo-islâmicas estilhaçaram para sempre a antiga unidade do Mediterrâneo, destruindo a síntese romano-cristã e iniciando uma nova civilização dominada pelas potências nórdicas (A Germânia e a França carolíngia), cuja missão era de retomar a defesa do "Ocidente" contra os seus inimigos históricos e culturais. Ora esta linha de defesa bebeu a o Ocidente no

⁴ Cf. "Le Choque des Préjugés" in *The Nation* (a sair a 22 de outubro de 2001).

⁵ A identidade, a tradição e a nação são entidades construídas, o mais das vezes sob a forma de oposições binárias que se traduzem quase inevitavelmente sob a forma de atitudes hostis em relação ao Outro.

humanismo, na ciência, na filosofia, na sociologia do Islão que outrora tinham servido de mediação e de transição entre o mundo de Carlos Magno e a antiguidade clássica. O Islão está "dentro", desde o começo, como mesmo um Dante Alighieri o reconheceria ao colocar o Profeta no lugar de honra, central, do seu Inferno (de resto largamente inspirada de Abu 'Alâ Al-Ma'arrayvy).

Contra a visão que nos quer fazer crer que estas duas genealogias distintas constituem dois mundos estranhos, Averrois testemunha da profunda interferência entre razão grega e fé muçulmana. Só o preconceito separa estes dois Mundos que sempre interagiram e longamente conviveram. Nem é razoável opor o monoteísmo trinitário e o monoteísmo do Islão. É difícil delimitar o monismo indiano relativamente às diferentes formas de teísmo e é difícil reduzir o fim último do budismo quer à categoria do transcendente, quer à categoria da imanência. O mal está em que se justificou o absolutismo a partir do monoteísmo. Perversão ideológica da religião tirada do seu horizonte místico e reduzida de maneira funcional a um horizonte ético. O mal são as mutilações do Islão pelos seus tiranos absolutistas e fanáticos na obsessão de reger os comportamentos dos indivíduos afim de promoverem uma ordem islâmica reduzida a um código penal, despojando o islamismo do seu humanismo, da sua estética, das suas preocupações intelectuais e da sua devoção espiritual. O mal foi a romanização da ideia de Deus que justifica o monarquismo patriarcal de um Deus Senhor.

No Cristianismo a unidade de Deus é aberta e unificante. Só com o Deutero-Isaias e a literatura deuteronomista dos séculos VI e V se assiste a uma confissão de fé monoteísta primitiva que começara três séculos antes. O monoteísmo soterológico (Moltmann) é mais antigo que o dogmático. Nem todos os monoteísmos são totalitários e intolerantes. É mais a assumpção por Deus duma história particular - Israel é um povo à parte, que tem um só deus, um só santuário, uma lei, um mediador da lei e uma terra - que leva à intolerância. É a estrutura hierarquizada da Igreja e a sua prática universalista que emprestaram ao monoteísmo essa função ideológica. Assim a Igreja contradiz a especificidade do Deus Trinitário que não absolutiza a única particularidade de Jesus como caminho para Deus.

Religião e violência

As religiões pertencem ao mundo dos impérios e à sua economia psicológica interna. As religiões são, à distância, os mais claros exemplos da globalização, com as suas virtudes e os seus avatares. A razão cristã, v.g. desenvolve-se a partir de três categorias: o universalismo, a teologia (razão) e a história. A fórmula da Carta aos Gálatas (3, 28)) atravessou a história como a utopia da universalidade cristã. Aqui se suprime, escatologicamente, a divisão dos sexos, a desigualdade social, a diferença religiosa (que no tempo era ao mesmo tempo uma divisão política). É uma fórmula que consagra a ruptura com o judaísmo, bem anterior a Paulo e aos Padres da Igreja⁶.

⁶ Georges Nataf, *Les sources païennes de l'antisémitisme*, Berg International, 2001.

As religiões deixaram de estar ao abrigo da virologia, dos hibridismos, do desencantamento, sem se tornarem caducas. O problema do regresso do religioso corresponde a três inflexões: o fracasso das modalidades laicas ou ateias de organização do mundo, as tentativas internas a algumas religiões de reencontrar a verdadeira religião (fundamentalistas e inovadores), o desejo de encontrar uma autenticidade perdida. Hoje não é raro que se utilize a religião como escudo contra a modernização e a globalização. As recentes tentativas para criar uma centralização romana não apenas esquecem a dinâmica prevista na teologia do Vaticano II, como claramente ocultam a dinâmica de como o global e o local mutuamente se relacionam no mundo de hoje.

Pensar a religião hoje implica necessariamente analisar o fenómeno designado por "regresso do religioso", fenómeno que assume a maioria das vezes a forma catastrófica do terror, do fanatismo, do "redobro de promessa reafirmador"⁷. A religião está associada à violência no passado e continua a estar ligada à violência no presente. O terrorismo de inspiração religiosa surge misturado com a violência perpetrada pelos fundamentalismos mais diversos, passando pelo terror exercido sobre as populações ou por pressões políticas e morais por parte de minorias ditas "morais". Daí o amálgama: as religiões são intolerantes, obscurantistas, violentas. É verdade, a Cruzada foi uma Jihad Ocidental e uma carnificina, mesmo se a essência do Cristianismo era a rejeição da vingança. É também verdade que o judaísmo não sai menos chamuscado deste processo. Israel Jacob Yuval, da Universidade Hebraica, no seu livro *Two nations in Yours Womb*⁸ escreve que a 'salvação da vingança' foi adoptada pelos Judeus Europeus a partir de antigas fontes Farisaicas e tornou-se a doutrina dominante da Sinagoga. Basta citar, entre muitos textos judaicos antigos, este um judeu alemão do século XIII e que consta da *Sefer Nitzahon Yashan*: "In the End of the days (when the Messiah comes) God will destroy, kill and exterminate all the nations but the sons of Israel". Os salmos de maldição legitimam a destruição dos inimigos. A violência colectiva Hindú contra Muçulmanos e Cristãos na Índia existe de facto. A cidade de Jerusalém testemunha na sua carne que as religiões do Livro foram frequentemente um factor de conflito, de intolerância e mesmo de fanatismo. O uso perverso do "em nome do Nome" no confronto das religiões atingiu o paroxismo. A defesa das formas do colonialismo teocrático são obra da exegese neo-fundamentalista. No corpo daquilo a que se chamam as "grandes religiões mundiais" desenvolvem-se sintomas inquietantes e o próprio sentimento religioso desenvolveu modalidades de expressão aberrantes. "Haverá algum ponto comum entre fundamentalismos e 'comunidades' que se partilham a atenção e mobilizam a opinião que comprometa duravelmente a causa da religião?", pergunta Paul Valadier⁹.

⁷ Derrida, *Ibidem*, p. 250.

⁸ Alma/Am Oved, tel Aviv, 2000, ISBN 965-13-1428-1.

⁹ *Un Christianisme d'avenir*, Seuil, 1999, p. 31.

O caos da identidade

As distorções e zelotismos existem também nos universos discursivos (logos) "judaico" e "cristão". Não podemos estabelecer um paralelo entre Osama bin Laden e seus discípulos e os discípulos de seitas como a dos Branch Davidiens ou a do Reverendo Jim Jones, na Guiana ou ainda a do Japonês Aum Shinrikyo? Não obriga este paralelo a pensar a questão da religião e da violência?.No confinamento actual do mundo numa guerra indiscriminada contra pretensos inimigos é impossível "reconhecer o Islão - religião, sociedade, cultura, história ou política - tal como ele é vivido pelos Muçulmanos através dos séculos", escreve Ahmad Eqbal.

Há quem pense que o recrudescimento de guerras religiosas não tem nada a ver com a realidade das diferenças. Será verdade que os conflitos presentes partem da indiferenciação mais do que das diferenças, como pretende J. Derrida? "Mesmo o integrismo islâmico que parece cavar o fosso entre o mundo cristão e o mundo muçulmano, não é mais do que uma reacção "dialéctica" ao fenómeno inverso que é a entrada do Islão no mundo moderno. O fundamentalismo não é anti-técnico nem anti-moderno. Nasce da constatação que a modernização deste países é forçosamente uma imitação do Ocidente"¹⁰.

É difícil falar de identidade, vivendo como estamos a viver no interior do caos da identidade. Eduardo Lourenço fala mesmo de um "esplendor do caos"¹¹. João Duque escreve com muita pertinência que "Falar da cultura europeia como cultura cristã não significa, propriamente, falar de cristandade, no mesmo sentido de sociedade medieval. Significa, antes e depois de tudo, falar de uma cultura da diferença dialógica. Não da diferença caótica, que levaria à in-diferença, e por isso mesmo, à anulação das diferenças"¹². Al-Jabri parte também de uma perspectiva diferente de Derrida. A principal razão que provoca a consciência árabe moderna a afirmar-se é a resposta ao desafio ocidental em todas as suas formas. Como o meio de afirmar e de reabilitar a identidade¹³. A atitude adoptada pela corrente fundamentalista do pensamento árabe moderno e contemporâneo concentra-se na ressurreição da tradição, feita através de uma leitura excessivamente ideológica que consiste em projectar sobre o passado um "futuro radioso" fabricado pela ideologia. É a corrente fundamentalista que rasce com Jamâl al-Dîn Afghâni e Muhammad Abdhul que agita a ideia da "autenticidade", do apego às raízes e da defesa da identidade, noções interpretadas como sendo o próprio Islão: o Islão verdadeiro, não o Islão actualmente praticado pelos muçulmanos. O meio tornou-se fim: foi o passado (que só na imaginação e na afectividade existiu) que se tornou o trampolim do projecto de renascimento. A leitura fundamentalista da tradição é uma leitura anhistórica que procede de uma concepção religiosa da história, para quem a história é um instante dilatado no presente. É o factor espiritual que é erigido em motor da história.

¹⁰ Jacques Derrida, "Foi et savoir", in *La Religion*, Seuil, 1996.

¹¹ E. Lourenço, *O esplendor do caos*, 3ª Ed. Lisboa, Gradiva, 1999, p. 7-8.11.

¹² "A identidade da Fé Cristã", in *Humanística e Teologia*, fasc. 2, 2001, p. 206.

¹³ Mohammed Abeb Al-Jabri, *Introduction à la critique de la raison arabe*, La Découverte, 1995.

Agonística

Ficou-nos a agonística e os jogos de linguagem que são os dois pilares da pós-modernidade experimentalista. A característica maior da pós-modernidade é o desenvolvimento da incredulidade face às metanarrativas. Os homens da modernidade confiam numa "realidade" sólida e identificável, transformável. O mundo agora tornou-se "fábula", "teatro". A própria ideia duma realidade deve ser evacuada de qualquer mundo raciocínio possível. Os valores da modernidade não dão conta do nosso presente e daquilo que lhe é dado: deixar de perseguir quimeras de totalização e de unidade, advogando doravante a dissolução da história (à maneira de Spengler ou de Toynebee).

Será o nihilismo (não há nada de novo, não há fundo nenhum a preservar ou a restaurar) a nossa única hipótese para sair da modernidade? Ou devemos apostar numa filosofia da guerra (à maneira de Lyotard), numa agonística generalizada em que os nossos actos adquirem sentido? Ténues redes de ligações suturam os indivíduos, redes através das quais constroem as suas estratégias, os "golpes" que lhes permitem promover o seu interesse. A finalidade dos jogos de linguagem não é o consenso: as interações sociais cantonam-se doravante no local, nos limites expressos do espaço-tempo e em estratégias que não podem apresentar qualquer alternativa social. Resta a paralogia, isto é o desregulamento e a desestabilização não "autorizadas" pelo sistema, não recuperáveis por ele, "contra". Ela "des-acorda". A legitimidade é o desacordo. O dissentimento é o paradigma da ligação social. As minorias têm razão em princípio porque desregulam aquilo que pretende enunciar um acordo universal. A diferença entre litígio e diferendo é pertinente. O litígio é um caso de conflito entre partes que pode ser resolvido por um juiz, equitavelmente. Remete para uma regra de julgamento. Nasce de um prejuízo causado à regra deste género. O diferendo remete para a questão da legitimidade. Designa o "caso" em que o queixoso é despojado dos meios de argumentar e se torna uma vítima porque o conflito que opõe os inimigos traduz-se no idioma de um enquanto o mal de que o outro sofre não significa nada neste idioma.

A nova atitude

"Originalmente, uma única Igreja concentrou em si mesma a totalidade e a particularidade: a Igreja mãe de Jerusalém, ou Igreja do Pentecostes. Dela nasceram as Igrejas particulares e nela se funda o carácter apostólico de todas. Para a *Lumen Gentium* as Igrejas particulares e locais, no plural, apresentam as mesmas características teológicas da Igreja universal que é *communio ecclesiarum*. Cada Igreja particular é chamada a ser católica, ou seja, sacramento de unidade de todos os seres humanos. A vocação

católica de cada Igreja particular é um convite permanente a transcender o particularismo e a transcender-se a si mesma"¹⁴.

As expansões europeias inauguram a era da globalização. 1492 é a data-chave da queda do princípio genealógico. Não há melhor imagem do "globalismo" do que esta: S. Francisco (Salvador da Baía) olha para o Cristo, o pé em cima do globo. Como se sabe, o globo remonta à Idade Média árabe e mesmo à Antiguidade. Era o *media* através do qual aqueles que exerciam o poder se representavam a forma do cosmos e da terra. Aquele que tem poder deve saber a que se parece aquilo sobre que quer reinar. O primeiro mundialista foi sempre o papa. Hoje ainda, na Páscoa, o papa utiliza, para saudar a multidão, o duplo dativo *urbi et orbi*. Para ele o mundo é aquilo que se vê a partir de Roma - segundo uma óptica orbital.

A hegemonia monolítica do Ocidente começa a desintegrar-se. A Igreja sente-se hoje chamada a ser mundial, plural e culturalmente diversificada. Afastando-se de um estilo missionário do tipo "expansionista" e muitas vezes colonial ou colonizador, vai renunciando à "cultura do adversário" para dar lugar à "cultura do outro". Pelo seu carácter católico, sente-se capaz de convocar, estabelecer ligações entre o pluralismo dos povos. A Comissão Teológica USG tem uma percepção muito aguda dos desafios de uma época em mudança. Escreve essa Comissão: "Vivemos a nossa identidade cristã: a) na "diáspora" de uma sociedade em movimento e inovação; b) no "exílio" de uma sociedade em rede e profundamente interligada, na qual nos integramos como peregrinos a caminho de uma nova cidade; c) na tensão produzida quando nos sentimos sociedade civil, que se opõe às hegemonias económicas, políticas, ideológicas ou criminais" (p. 29).

O sentimento de perda do mundo é também o sentimento de uma perda de si. Donde a entropia romana: o mundo contraiu-se por influência do panoptismo católico. A ultrapassagem do mundo à grega produziu primeiro um regresso ao deserto; à romana, produziu a volta ao mundo. Roberto Blatt deduz do desastre do Segundo Templo dois sistemas de comunicação que caracterizam o cristianismo e o judaísmo. Diz ele: "enquanto que a versão cristã da tradição bíblica sobreviveu adoptando uma ideia nova, a de uma comunidade universal, ou *humanidade*; a judia, por sua vez procurou assegurar a persistência de uma única comunidade *particular* no interior do mundo global, extraterritorial"¹⁵. O resto. Quer dizer, o cristianismo e o judaísmo, ambos herdeiros da tradição bíblica, estabeleceram um modelo de controlo/descontrolo da comunicação no Ocidente, convivendo como centro e periferia. Para os judeus o livro torna-se o centro do mundo extraterritorial, evocando a realidade pedida. Para os cristãos, a *ecclesia* erige-se em instituição única, depositária exclusiva da mensagem bíblica e da doutrina definida. Congela-se o livro, reduz-se o plural da interpretação de que o livro é feito.

¹⁴ Comissão Teológica USG, *Na Globalização. Para uma comunhão pluricêntrica e intercultural*, Paulinas, 2001, p. 41.

¹⁵ Roberto Blatt, "En ele comienzo era el rumor", in *Revista de Occidente* nº 239, Marzo 2001, p. 59.

Coda

Herdámos restos, figuras de pobres, perdemos uma batalha. Ficou-nos o vazio, a virtualidade, o real a nomear. Ao racionalismo crítico reage desesperadamente o fundamentalismo, que coexiste com formas desarticuladas de questões e de respostas religiosas, não indemnes das recomposições das crenças que encontramos no hibridismo das *seitas*.¹⁶. Inquietude sobre a identidade, procura febril de certezas, crispação sobre um grupo "eleito" que se define por hostilidade com o meio, em torno dum guru.

Adoptaremos antes o ponto de vista de Maurice Blanchot: o homem é o indestrutível que pode ser infinitamente destruído?. Daniel Sibony detecta um mal profundo no nosso mundo, distinto mas isomorfo daquele que fazem os que matam. Esse mal tem um nome: niilismo. Os criminosos aniquilam aqueles que os incomodam; e os responsáveis, que deixam fazer, não mexem uma palha para assuntos que não podem "tratar". "No fundo, o niilista é aquele que nega quem não é ele, o que escapa ao seu quadro de funcionamento e aquilo que ameaça esta negação" (Sibony, 2000, 18). O mal estar actual está em que os laços que serviam de referência simbólica desaparecem e são substituídos por laços totalitários, cuja forma mais frequente é o laço narcísico - estar ligado apenas a si, tripal - ou o seu substituto, o saber técnico. Ou o seu "mundo", a sua tribo e a sua religião.

Maria Gabriela Llansol *des-diz em A Restante Vida* o que ficou escrito como evidência cega: que o social é tudo, que cada deus é clonado numa infinidade de semelhantes. Poderemos dizer hoje que o global é tudo, que a mundialização da religião se diluirá, que a globalização nos está a arrastar para um mundo sem centro, sem grandes mitos, ideologias ou religiões universais, em que tudo se dissolve no ar? Antigamente, o sacrifício continha a violência (L. Scubla). Que pode hoje a religião contra a violência?

¹⁶ Ficou-nos a explosão das seitas religiosas: *secare* = cortar (grupos desgarrados, separados de outros grupos ou Igrejas maiores); *sequor* = seguir (coesão e fechamento em torno de uma doutrina ou líder carismático), com uma estrutura teocrática, vertical e totalitária. Derivações: proselitismo. Unidade sociológica, dissidente de um grupo maior, adeptos voluntários de camadas mais desfavorecidas da sociedade, com graus de grande dependência do líder, laços interpessoais muito estreitos, escassa importância das doutrinas, culto emocional com largas ao fervor afectivo. Têm a consciência de serem puros e eleitos, fazem um uso instrumental da Bíblia. A segurança e o dogmatismo, a recusa do exterior ao grupo e um grande espírito de corpo, são os traços mais salientes destes grupos quentes¹⁶. A *New Age* é mais um clima ou sensibilidade espiritual do que um movimento estruturado. Movimento aberto. Fala-se aqui de um novo paradigma holográfico, de uma nova visão do mundo ou de forma de sincretismo. Técnicas de origem oriental: yoga, zen, meditação transcendental, controlo mental, etc. espírito unificador que se estende ao outro mundo: recurso ao esoterismo.